

RESISTENCIA E OPOSIÇÃO À DITADURA: UM ESTUDO SOBRE CRONICAS POLITICAS DE ANTONIO CALLADO ¹

Flavia Daniela Pereira Delgado²
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

RESUMO

Paralelo ao trabalho de escritor de ficção e de teatro, Antônio Callado (1917-1997) também atuou nas redações dos mais importantes jornais do país por mais de 50 anos. Este artigo se debruça sobre parte de um conjunto de crônicas políticas publicadas entre os anos de 1964 e 1967 em *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, no contexto da Ditadura Militar. Por meio da técnica da análise pragmática da narrativa jornalística, identificamos as diferentes estratégias comunicativas e retóricas empreendidas por Callado, uma figura engajada e reconhecidamente alinhada a ideologias de esquerda. O jornalista se notabilizou na luta pela liberdade de expressão e oposição à conjuntura política da época – expressa, sobretudo neste gênero opinativo – uma trajetória cujas consequências foram prisões, inquéritos e a cassação de seus direitos políticos.

Palavras chave: Antônio Callado; Crônicas Políticas; História da Imprensa; Ditadura Militar.

1. Introdução

Quatro décadas após o fim da Ditadura Militar, o debate em torno da comunicação e liberdade de expressão mantém-se atual e, neste sentido, tornam-se particularmente propícios estudos que lancem luz sobre a produção jornalística daquele momento vivido no país. Um dos destacados profissionais cuja voz se levantou contra o *status quo* foi Antônio Callado (1917-1997), um intelectual talhado à moda como se forjava a *intelligentsia* brasileira até a primeira metade do século XX.

Escritor ocupante da cadeira nº 8 da Academia Brasileira de Letras, foi dramaturgo, repórter, correspondente internacional de guerra, cronista, articulista, editorialista e resenhista. Não há caminho no jornalismo impresso brasileiro a partir do final dos anos 1930 que Callado não tenha trilhado, com passagens por veículos como *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Pasquim*, *Opinião*, *Isto é*, *Visão*, *Folha de S. Paulo*, além da BBC de Londres e Radio France, durante a Segunda Guerra. Testemunhou o surgimento do movimento das Ligas Camponesas e do governo de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. E-mail: flavia.delgado@ufes.br e professoradelgado@gmail.com

Miguel Arraes, em Pernambuco. Foi o único brasileiro a cobrir a Guerra do Vietnã “do outro lado”³, a partir de Hanói. Testemunhou ações contra a imprensa por parte do governo instituído após a deposição de João Goulart. Mesmo depois de aposentado, continuou a escrever crônicas políticas. E quando houve a reabertura, produziu textos até o fim de seus dias. Como lembra Paul Ricoeur (2007), as narrativas produzem um conhecimento e narrar é uma forma de agir no mundo, de tornar experiências vividas em um emaranhado de pontos de vista. E o ponto de vista “designa a orientação do olhar do narrador e direção aos seus personagens e dos personagens e uns em direção dos outros” (RICOEUR, 2007, p. 162).

Callado foi um profissional daqueles para quem o engajamento social e político eram a tônica de se viver. Um apaixonado pelo Brasil, que fez da sua escrita um modo de interpretar o país e o momento histórico em que viveu. Um homem de seu tempo, cuja voz se elevou pela democracia e pela liberdade e que pagou um preço por não temer uma época de sombrio autoritarismo.

Investigamos como Callado procurou expressar sua discordância e crítica acerca do regime instaurado pela quartelada de 31 de março, detectando com quais expedientes de enunciação buscou persuadir seus leitores quanto à representação dessa realidade. A técnica empregada no exame dos textos é a análise pragmática da narrativa jornalística, que, como nos ensina Motta (2010), torna-se nosso caso um procedimento analítico útil para compreendermos como os sujeitos sociais constroem seus significados por meio da cognição e expressão narrativa da realidade, através de estratégias comunicativas, operações e modos linguísticos, a fim de obter certas intenções/efeitos junto ao leitor, como convencer, persuadir, envolver o seu leitor/telespectador/ouvinte. É uma técnica aplicável ao nosso *corpus*, na medida em que propõe

uma análise de um conjunto de notícias isoladas sobre um mesmo tema publicadas dia após dia, que aparentemente não possuem narratividade. Propomos integrar essas notícias isoladas em um conjunto significativo solidário com uma história única (...). Juntar o que a dinâmica da atividade jornalística separa. Reunir as notícias diárias em episódios e sequências maiores, como se fosse um acontecimento único e singular. (MOTTA, 2010, p. 153-154).

Uma pesquisa junto aos arquivos públicos estaduais do Rio de Janeiro e São Paulo, mostra documentos primários segundo os quais o jornalista respondeu e foi

³ Como se sabe, outro jornalista brasileiro José Hamilton Ribeiro também cobriu o conflito, mas a partir do lado americano, em Saigon, na parte sul do território Vietnamita.

julgado em um Inquérito Policial Militar (IPM) motivado (ao menos oficialmente) ⁴ por duas crônicas (que os responsáveis erroneamente classificavam como “artigos”) publicadas em 1967 no *Jornal do Brasil*, nas quais supostamente o jornalista atacava oficiais e o Exército. Os textos constituíam, segundo os militares, prova material irrefutável para justificar as investigações, cujas consequências foram prisões e cassações dos direitos políticos do jornalista⁵.

2- Crônicas políticas: opinião contextualizada

Tipo textual opinativo suscetível aos acontecimentos factuais do cotidiano, que permite uma interpretação subjetiva, poética e criativa da realidade, a crônica é, dos textos do gênero jornalístico de opinião, o de caráter mais híbrido e que flui mais livremente entre o fato e a ficção, cuja trajetória no Brasil que se confunde com a história do jornalismo contemporâneo.

Para Marques de Melo (2006), é um tipo textual tipicamente brasileiro e se distingue de manifestações jornalísticas similarmente rotuladas que se praticam em outros países. O autor detecta marcas identitárias fundamentais na crônica moderna: vinculação ao cotidiano de forma temática e analítica, captando os estados emergentes da psicologia coletiva, além da crítica social, disfarçada num arranjo de conversa simplista e despretensiosa.

Afrânio Coutinho exalta certas qualidades estilísticas importantes neste tipo de produção textual. “A crônica é um gênero literário em prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas” (COUTINHO, 1997, p. 121).

⁴ Instrumentos de investigação usados pelos militares contra aqueles que julgassem cometer ilícitos contra a “Revolução”. Tinha caráter de instrução e seu objetivo era, em tese, apurar atividades subversivas, buscando materialidade e autoria de crime reunindo elementos que possibilitassem ao oferecimento ou não denúncia com base na Lei de Segurança Nacional. O resultado deste IPM foi a cassação dos direitos políticos, publicada em uma lista em 29 de abril de 1969, em que também figuravam 219 professores universitários, pesquisadores aposentados e intelectuais como Mário Schenberg, Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Caio Prado Júnior. A lista também incluía a cassação de 15 deputados federais, tanto da Arena como do MDB.

⁵ Callado foi preso três vezes durante a Ditadura Militar: a primeira vez em 1964 e a última em 1979, tendo os direitos políticos cassados em 1969.

Mas a evidenciação das marcas do enunciador parece ser a característica definitiva⁶ e mais importante dos atributos do gênero, para a maior parte dos estudiosos do tema. Isto porque os gêneros opinativos, de forma geral, facultam ao profissional de imprensa a rara e privilegiada oportunidade de trabalhar o texto em primeira pessoa, ao contrário do jornalismo informativo, que além de sofrer influência de *deadlines* cada vez mais encurtados também - ao menos em tese - necessitam cumprir com a neutralidade e imparcialidade do autor perante o que acontece no mundo ao seu redor, que naturalmente tolhe o desejo de imprimir pessoalidade a quem escreve.

A crônica, ao contrário, liberta o *ethos*⁷ do criador do texto. “Os fatos são, portanto, um pretexto para o autor da crônica. A partir daí ele dá vazão aos seus sentimentos e, com absoluta legitimidade, pode entrar no domínio da ficção” (GALENO, 2002, p.108). E esse livre curso dado à própria emoção, ao próprio julgamento não constitui mais uma falta, mas a própria regra da enunciação (CHARAUDEAU, 2012).

Melo (2003) ressalta que a crônica moderna capta os estados da emergente psicologia coletiva, produzindo crítica social, sob o disfarce de um conversa simples e despretensiosa e que, ainda, o gênero não é monolítico nem uniforme, comportando várias classificações. Massaud Moisés a subdivide em dois subtipos: a que explora a temática do 'eu' (quando se concentram nas emoções do cronista), e a que gira em torno do 'não-eu' (o acontecimento de que o cronista é apenas o narrador, o historiador). Já Beltrão (1980) orienta-se por critérios jornalísticos e projeta uma partição segundo o tema em si e o tratamento dado pelo cronista. Quanto ao *tema* temos a *geral* (que trata

⁶ Massaud Moisés (2001) nos lembra ainda de outros traços característicos do gênero, como a ambiguidade, o estilo variante entre o oral e o literário, a presença das temáticas do cotidiano, da brevidade expressa em textos curtos e da efemeridade, pois, para o autor, mesmo quando reunidas em livro, as crônicas são fugazes, não têm a permanência ou a longevidade de outras obras literárias como conto ou romance. Para o autor, a crônica cedo ou tarde perde a batalha contra o envelhecimento. Uma premissa, a nosso ver, verdadeira em parte, haja vista casos de crônicas que, quando posteriormente reunidas em livro, eternizaram-se, como as obras de Drummond, Rubem Braga ou Fernando Sabino. Mas quando tratamos de produções que versem sobre temas específicos de uma determinada época, realmente implicam uma compreensão prévia do contexto no qual foram engendradas, a fim de serem efetivamente compreendidas. É o caso das crônicas políticas publicadas na época da ditadura, que requerem um entendimento acerca do ambiente social em que foram produzidas, a fim de que sejam alcançadas em sua totalidade.

⁷ O *ethos* constitui um domínio, uma dimensão que não se limita ao autor, à pessoa que fala pessoalmente aos leitores, mas sua imagem/representação criada no discurso, o modo de exposição no texto. (FIORIN, 2014). Para Michel Meyer, o *ethos* é “uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga a pessoa e a imagem que orador passa de si mesmo e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que, então, se dispõe a ouvi-lo e segui-lo” (MEYER, 2007, p. 34). Na visão do autor, as virtudes morais, a boa conduta e a confiança são fundamentais para o que o orador suscite uma autoridade junto ao seu auditório, no caso, os seus leitores.

de assuntos variados, ocupando espaço fixo no jornal), a local (ou urbana, que critica a vida cotidiana nas cidades, captando tendências da opinião pública) e a especializada (ou comentário, na qual o autor focaliza apenas assuntos referentes a um campo específico da atividade: política, esportes, economia). A partir dos conceitos de Beltrão, Tattiana Teixeira (2000) a fim de abarcar os textos nos quais o tema principal é a política nacional/internacional utilizando, para isto, a ironia e outros recursos retóricos ligados ao humor com o firme propósito de tecer comentários críticos a determinada conjuntura e/ou governo, tomando como ponto de partida acontecimentos previamente noticiados pela imprensa, fala em *crônica política*.

3- Crônicas de confrontação no Correio da Manhã e Jornal do Brasil

As quatro crônicas aqui sob análise integram um corpus mais amplo de dez textos analisados durante nossa tese de doutorado. Nomeadas *Volta o Barril* (1964), *Arma Secreta*, *A Merenda dos Generais* e *Exércitos Mendigos* (as três publicadas em 1967) — são expressões de um jornalismo opinativo que assumiu abertamente a crítica ao autoritarismo militar instaurado no Brasil a partir de 1964. Daí porque as denominamos crônicas de confrontação. Estes textos revelam uma mudança de tom e de estratégia discursiva por parte do autor, que opta por abandonar os recursos metafóricos e as camadas de subentendido, tão recorrentes em textos anteriores em favor de uma abordagem mais direta, objetiva e incisiva. Trata-se de um enfrentamento discursivo, em que a contundência do conteúdo não prescinde da sofisticação estilística, nem da reflexão ética e política que perpassa toda a sua produção jornalística.

Eram tempos nos quais manter a sutileza já parecia insustentável. Em vez da crítica velada, da ironia sutil e da parábola – comuns em outras crônicas calladianas - o cronista agora adota um tom frontal, confrontando diretamente os agentes do regime, os episódios de repressão e as medidas antidemocráticas. O contexto imediato desses textos — marcado por prisões, cassações, censura e repressão ideológica — fornece o pano de fundo necessário para compreender tanto a urgência quanto a ousadia do autor. Com relação ao campo lexical, os próprios títulos das crônicas revelam o embate simbólico: “barril”, “arma”, “generais” e “exércitos” remetem diretamente ao universo militar, tomado não como alvo de crítica.

Primeira crônica política publicada por Callado após o golpe de 1964, *Volta o Barril* estampou as páginas do jornal Correio da Manhã em 12.04.1964 e constitui uma denúncia metafórica contra o retrocesso representado pelas ações do então novo governo militar. Neste diapasão, é mister lembrarmos que.

(...) o Correio da Manhã acabou por se tornar um dos grandes baluartes da oposição e da crítica dos militares. Talvez resida aí a singularidade de sua trajetória: um dos jornais mais identificados com o liberalismo conservador no pré-golpe se tornam, na ditadura, a referência na grande imprensa para setores da esquerda e parte daqueles que lutavam contra o regime (CHAMMAS, 2012, p. 31).

Callado alerta para o risco de explosão social no Nordeste, após a cassação dos direitos políticos do superintendente da SUDENE, Celso Furtado, e a prisão do governador de Pernambuco, Miguel Arraes. Para Callado, ambos eram figuras fundamentais nos esforços por transformação socioeconômica da região, e suas remoções abriam espaço para o retorno de um cenário explosivo, um “barril de pólvora” prestes a detonar. A crítica se dá com forte carga de ironia e figuras de linguagem. Callado escreve: “Cassaram os direitos políticos de quem não é político. Cassaram seus direitos políticos para lá colocar algum político para transformar a SUDENE em outro DNOCS corrupto” (CALLADO, 1964).

Além da indignação com os militares, Callado critica também os civis coniventes apoiadores do golpe e coniventes com a opressão, esboçando um sentimento de decepção com a normalização das arbitrariedades. Embora tivesse apoiado a saída de Goulart em um primeiro momento (como a maior parte da mídia à época), rejeita os métodos do novo regime: “Vai ser difícil justificar o que se fez no plano democrático ao governador Miguel Arraes e no plano do progresso do Brasil em geral contra Celso Furtado”. (CALLADO, 1964).

Já a segunda crônica, *Arma Secreta* (28.03.1967), publicada no Jornal do Brasil, se insere em um momento em que Callado já havia sido preso e acompanhava o agravamento da repressão. Aqui, a crítica recai sobre a subserviência do regime militar brasileiro aos Estados Unidos. Ele ridiculariza a visita do presidente Costa e Silva à Casa Branca, ironizando a relação de dependência e chamando os líderes norte-americanos de “antigos amos”. Callado inicia a crônica com uma hipérbole para

reforçar seu ponto de vista de oposição: “(...) precisei remar contra a corrente da Marcha com Deus pela Família”. (CALLADO, 1967). Esse evento real — manifestação massiva realizada no Rio de Janeiro em 19 de março de 1964 em apoio ao golpe que ocorreria dias depois — é convertido em símbolo da sua própria resistência (“remar contra a corrente”). Em outra passagem, desmonta o mito da soberania nacional: “De norte a sul do país, há uma porção de mentiras pregadas com convicção e aceitas com candura”.

A crítica se acentua ao referir-se ao então embaixador dos EUA no país, Lincoln Gordon como “Ex-Vice-Rei do Brasil” uma referência à forte ingerência norte-americana no país na época, expondo o tom satírico da crônica e sua força subversiva. Ao se colocar como testemunha dos acontecimentos, Callado reafirma sua autoridade e o recurso da autorreferencialidade de sua narrativa: “eu sei, eu vi, eu estava lá”.

Considerada um marco do confronto direto entre Callado e o regime, a terceira crônica (e a segunda publicada pelo Jornal do Brasil, em 04.04.1967) *Merenda dos Generais* é um dos textos que compõem o dossiê usado para abertura de um IPM contra o autor. O título já é uma provocação: estabelece um intertexto com a peça francesa *Le Goûter des Généraux*, de Boris Vian, sátira antimilitarista em que os generais são retratados como imaturos e ridículos. Ao adaptar o termo “goûter” para “merenda”, Callado infantiliza os militares: “Adultos lancham, mas crianças (e para Callado, também seus análogos, os militares) merendam”. (CALLADO, 1967).

O texto narra uma manifestação contra a ditadura no centro do Rio de Janeiro, em que o Callado presencia e denuncia a violência sofrida por estudantes e intelectuais. Após registrar queixa, ouve da polícia que os agressores seriam apenas “malandros”. A resposta institucional evidencia o conluio entre forças de repressão e autoridades. No desfecho, Callado ironiza a presença onipresente dos militares nos países pobres: “Mas nos países subdesenvolvidos, que não podem se dar ao luxo de guerras externas, eles (os militares) ficam embutidos, onipresentes, incessantes. O jeito é gritar às Nações Unidas, em língua de Beatles: Help!” (CALLADO, 1967). A canção dos Beatles, lançada em 1965, cuja letra, quando traduzida para o português, evoca uma metáfora para um país “deprimido” e sem liberdade: “Ajude-me, se puder, eu me sinto para baixo. Ajude-me,

coloque meus pés de volta no chão (...) agora minha vida mudou em muitos sentidos. Minha independência parece dissipar-se na neblina.

Publicada apenas uma semana após a crônica anterior, em 11.04.1967 *Exércitos Mendigos* dá continuidade ao tom de enfrentamento, centrando-se na crítica ao belicismo militar e à ausência de sentido das estruturas armadas nos países subdesenvolvidos. O contexto imediato era a repressão à Guerrilha do Caparaó e a ida do General Costa e Silva ao Paraguai para uma reunião da OEA. Callado denuncia a irracionalidade do investimento em armamentos e na manutenção de forças militares ostensivas enquanto o país ainda carecia de recursos básicos.

A provocação é feita ao se referir aos militares como “exércitos mendigos”, expressão que reúne o paradoxo entre poder e miséria. Critica o deslocamento das prioridades nacionais e ironiza a política de intimidação interna por parte do regime. O texto encerra o ciclo das crônicas de confrontação com uma nota amarga, revelando um Brasil sitiado internamente por suas próprias forças.

4 -Considerações finais

Nas crônicas em tela, a indignação e a oposição à conjuntura são expressas por meio de figuras de linguagem como metáforas, hipérboles e antíteses tendo como centro da crítica os agentes do regime que, em nome da ordem, instauraram a exceção. O posicionamento crítico de Callado era já amplamente conhecido à época. Suas prisões e a instauração de um Inquérito Policial Militar em razão das duas últimas crônicas são sintomas da visibilidade e da potência de sua atuação. Ao mesmo tempo, seu texto mantinha uma elaboração discursiva que evitava o panfleto. O enfrentamento não se fazia pelo grito, mas pelo raciocínio elaborado, pelo uso calculado do sarcasmo e da ironia.

A sofisticação argumentativa manifesta-se também na capacidade de associar elementos locais e específicos da conjuntura política brasileira a temas universais, de ordem ética e civilizatória. Callado compreendia que a palavra, sobretudo em tempos de censura, era também um ato. Suas crônicas assumem, portanto, o duplo papel de denúncia e de testemunho histórico.

O humor, por sua vez, é trabalhado como estratégia de aproximação com o leitor e de subversão da retórica oficial. Através da ironia, o autor rompe com o discurso autoritário e cria um espaço discursivo que convida à reflexão crítica. O humor aqui serve como instrumento de persuasão, pois causa um relaxamento e se origina de uma relação de contraste entre o que se espera e o que se observa na realidade “

Ainda que lidasse com temas graves — repressão, censura, perseguição política —, as crônicas não resvalam para o desespero ou o apelo emocional fácil. Há, ao contrário, um equilíbrio entre a crítica racional e o apelo estético, entre a contundência do argumento e a beleza da linguagem. Essa alquimia discursiva reforça o papel da crônica como espaço privilegiado de resistência simbólica.

Por fim, cabe destacar que as crônicas de confrontação não apenas representaram um momento de inflexão no estilo de Callado, mas também configuram um registro precioso da tensão entre imprensa e poder durante a ditadura militar. Em tempos de cerceamento da liberdade de expressão, o autor fez da palavra sua principal arma e da crônica seu campo de batalha. O efeito disso não foi apenas a repressão oficial, mas também o reconhecimento posterior de sua obra como referência na luta por memória, verdade e justiça. Ao escrever contra o autoritarismo, Callado não apenas cumpriu o papel do intelectual comprometido, mas também contribuiu para a construção de uma memória jornalística da ditadura que insiste em permanecer viva. Suas crônicas são, ainda hoje, peças de resistência — não apenas ao regime passado, mas a qualquer forma de silenciamento ou desumanização do presente.

Referências

BELTRAO, L. **Jornalismo Opinitivo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CALLADO, A. Volta o Barril. IN **Correio da Manhã**. Caderno 1, 12.04.1964, p. 2

_____. Arma Secreta. IN **Jornal do Brasil**. Caderno 1, 28.03.1967, p.6

_____. Merenda dos Generais. IN **Jornal do Brasil**. Caderno 1, 04.04.1967, p.6

_____. Exércitos Mendigos. IN **Jornal do Brasil**. Caderno 1, 11.04.1964, p.4

CASTRO, G. de; GALENO, A.(Org). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CHAMMAS, E.Z. **A ditadura militar e a grande imprensa**: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1999AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MEYER, M. **A Retórica**. São Paulo: Atica, 2007.

MOISÉS, M. **A criação literária**: prova II. São Paulo: Cultrix, 2001, pp 98-130.

MOTTA, L.G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In LAGO, C; BENETTI, C (orgs) **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010, p 143-167).

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

TEIXEIRA, T. **A crônica política no Brasil**: um estudo das características e dos aspectos históricos a partir da obra de Machado de Assis, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/teixeira-tattiana-cronica-politica-Brasil.html> <acesso em 23 de maio de 2025>